

Maurício Fontana Filho¹DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2026.v19.50507>

ESTUDANTE DE MEDICINA

Acordei e lavei a louça. Então andei pelo apartamento. Lavei a louça novamente. A louça já lavada. A louça impecavelmente lavada. Parece um desperdício de detergente. Somos. Um desperdício de detergente. Detestável o som que a água faz ao tocar o alumínio da pia. Eu a deixo torcida, despejando na borda. Reduz-se o atrito. Assim começa meu dia.

Quando escuto passos no corredor, espero que alguém gire a maçaneta e entre. Aqui. Jamais acontece. Aqui. O andar os leva a outras partes. Lavo a louça e miro a porta. A louça já lavada. Apreensivo pelo tilintar de chaves, pelas pausas, por rugidos, por qualquer indicação de entrada ou motivo.

Fico repetindo na minha cabeça o nome das artérias que saem de outras artérias e dão ainda mais artérias. Faço pausa para mirar a porta. Mãos frias já a tocaram. Entrava aos soluços. Eu só lembro quando saiu. Foi-se para fazer outros sorrirem. Eu os invejo. Já não mereço seu brilho. Quisera possuir tentáculos. Não me escaparia.

Ela parou de usar palavras. Comunicava-se por objetos. Deixava-os ao lado de fora. Um chocolate sobre o trinco. Água da chuva em garrafa sobre o tapete. Plantas carnívoras são exageradas. Só bebem água de chuva. Eu beberia qualquer água que ela me desse.

Vivo no 9º andar. Silêncio de elevador. Não há o que se dizer. Ainda assim o preenchem de gestos e murmúrios ritmados. Importam-se se neva ou faz sol? Nem conseguiria formular tantas frases que envolvam clima. Nem existem tantas estações assim. Verão, inverno, qual a outra? Ansiosos em expelir chiados bruscos. Talvez seja uma tentativa incipiente de flerte. Aspiram por minhas genitálias e por isso falam do ar úmido? Dos narizes escorrendo? Os idosos são os piores. Sua solidão custa caro àqueles que compartilham espaços metálicos. Necessitam de atenção, questão de sobrevivência. O abandono os torna suscetíveis ao contato humano. Suscetíveis ao cansaço humano. Ao rechaço.

“Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo se encontra parado neste andar”. A gélida existência tem dessas peculiaridades. Frases absurdas em momentos aleatórios. Na maioria dos dias só quero desistir em paz. Em silêncio. Uma derrota sem eco. Os cachorros do vizinho estão em desacordo. E o cara da loja com seu microfone, urlando a mesma frase doze horas por dia. E a criança autista que mora ao lado. Seria apazível deliciar-me no vazio insonoro do fracasso. Reprovi em um exame de Medicina. Tudo o que ouço são latidos manhosos, gritos infantis, e uma desgraçada oferta imperdível. Os urros juvenis indicam emergência. Tem alguém alimentando essa criança?

¹ Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo, UPF. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Brasil. E-mail: mauricio442008@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>.

Fico imaginando se os mortos enterrados têm de suportar barulhos torpes como eu. Estão suas feições retorcidas pela morte em si, ou pelo desgosto de grunhidos externos? Gostaria que minhas derrotas fossem inaudíveis. Como um campo de batalha com corpos apodrecendo. Nem mais um ruído ao fim do estalar de espadas, e fúria. Nem mais um suspiro, de luta. Até o vento se encolhe.

Ventava. Quando caminhava com meu pai. Minhas pernas eram mais longas. Jamais nos encontramos lado a lado. Não emitíamos palavra. Hoje ele está doente. A cada tosse contraio os olhos. Não suporto ouvir meu próprio coração bater. Nem tosses catarrentas. Ele está lento. Raciocina devagar. Morro por dentro. Só. De. Pensar.

A vida é cheia de incoerências. Os sem-sentidos penetram meus ouvidos. Os fecundam. Logo hei de parir uma raça inferior de ruído. Vilipêndio. Contínuo. Não é suficiente estarmos todos apodrecendo. A observar o definhar. A observar o enfermar. A observar o quebrantar. Há ainda as pequenas coisas. Que sozinhas seriam ignoradas. Mas em grupo, tornam a vida, severamente, putrefata. Verdadeiro lamaçal dos penitentes. Dos inclementes. Indecentes.

Estou sempre atrasado. Encontro-me no lugar errado ao que deveria estar. Lutando contra o relógio. Se o pedal fosse mais fundo eu iria. Nunca chego a tempo. Eu nem mais vejo a estrada. Sinto como se flutuasse. Os carros que passam, vultos acelerados. Eu sigo, só com o instinto. Sem nada ver. Parte de mim está tão distante que poderia. Ceder. Ainda vale a pena continuar se nada vemos?

Demasiados estímulos. Estão por todas as partes. Uma orquestra de amadores símios. Tal é o desnível. Seus violinos, feitos de tronco de bambu murcho. Nem o ranger de unhas em quadro negro é tão cretino. Alguns dias eu desejo morrer. Já em outros, ensurdecer. Que meus tímpanos desistam de uma vez. Que pereçam. Ao amanhecer.

Almoçar. A moça do restaurante que frequento há anos acha que meu nome é Rodrigo. Recuso-me a corrigi-la. Já passamos dessa ponte. Serei seu Rodrigo. Sempre percorro o mesmo caminho ao mesmo restaurante, no mesmo horário. Regresso com a comida, para não permitir a estranhos vislumbrar meu mastigar, o modo com o qual corto a carne, recolho o arroz. Não me apazem seus olhos em momento íntimo. E o que há de mais íntimo do que o devorar de carne morta? O degustar do abate alheio? O desviscerar dos já caídos, oh vivaz desespero? Todo o sabor se esvai ante miradas incestuosas e repetitivas. Desejam o próprio sangue. A lamúria de seu olhar transborda inclinação virulenta. Não hei de permitir o contaminar de meu alimento face desmedida gangrena, oh triunfar dos caídos, infecção que obscena.

Fila para coletar a refeição. Item por item de bandejas em pratos. Sempre tem alguém que trava a fila. Um indivíduo, imbuído de todos os lipídios do universo. Com braços que são pernas, e pernas que são troncos. E seu tronco, um maciço arredondado, avermelhado, só pulsa para dentro. Verdadeiro sofá-humano a caminho de tornar-se planeta. E todos nós a esperar que se decida. Ele precisa experimentar toda a variedade. Menos do que seis azeites de oliva e oitenta e quatro saladas diferentes seria inaceitável insulto ímpio. Sabemos que não tocará a salada. Um enfeite de prato. Se desatento devoraria os próprios dedos.

É como me sinto. Impregnado pelo brio de alimentar-me de mim mesmo. Recluso em um ocaso mental. Inescapável. Inviolável. Inalterável. Banal. Há semanas nem consigo

camuflar o esgotamento de minha alma. Até o propósito de exercitar-me se frustra. O desenvolver de músculos na busca, pelo coito perfeito, ilude, meu intestinal sofrimento.

Ao final do dia. Miro o teto. Fundo branco, abjeto. Indago todos que já falhei. Imagino-me reproduzindo situações passadas, reagindo de modo diverso a meu infeliz insucesso. Invisto no que poderia ter sido. Detenho-me horas nisso. O músculo descola-se da pele em indecoroso suplício.

Data de submissão: 18/03/2026

Data de aceite: 31/05/2026